

IOGÁTICA – A GINÁSTICA DO SAMBA NA FESTA DO CORPO NEGRO

Yogatic – Samba Gymnastics At The Black Body Party

WALLACE LOPES SILVA¹

RESUMO

Estar em estado de samba é mergulhar na língua dos Orixás, uma ginástica que reúne sistema de mundo codificado pelos sambistas [filósofos] e rezadeiras [mestres/as] da cura da grande saúde já apontada pelo filósofo Nietzsche e Nise da Silveira, ao pensar uma razão inadequada que precisa sambar para sentir as ecologias dos afetos, tendo no sambista um corpo movido pelas sensações no espaço do samba. Cada sambante carrega em si o sentido de roda onde se compartilha no agir educativo da experiência primeira, ou melhor, na iogática. O convite aos afetos evoca os sambantes ao encontro das forças criadoras para materializarem o axé no humano ao se tornar humano, demasiado humano, trata-se em dizer que na ação vital do exercício da iogática, o elã vital da necessidade de nos humanizarmos passa pela via do axé, este princípio inerente da vida.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura; Samba; iogática.

ABSTRACT

Being in a state of samba is immersing yourself in the language of the Orixás, a gymnastics that brings together a world system codified by samba dancers [philosophers] and prayer women [masters] of the cure for great health already pointed out by the philosopher Nietzsche and Nise da Silveira, when thinking about an inadequate reason that needs to samba to feel the ecologies of affections, with the samba player having a body moved by sensations in the space of samba. Each sambante carries within it the meaning of a circle where one shares in the educational action of the first experience, or better yet, in yoga. The invitation to affections evokes the sambantes to meet the creative forces to materialize the axé in the human by becoming human, too human, it is about saying that in the vital action of exercising yoga, the vital elã of the need to humanize ourselves passes through via axé, this inherent principle of life.

KEYWORDS

Culture; Samba; iogática.

¹ **Wallace Lopes Silva** – Doutor, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1557042965170626> E-mail: wartelopes@yahoo.com.br

UMA IOGÁTICA DO SAMBA

O samba modela o corpo e o espaço, isto é, princípio originário onde a pré-forma das coisas se organizam no primeiro momento do gesto produzido espacialmente. Entre o primeiro gesto e o percurso que se realiza a seguir, toda multiplicidade de riscos, riscados e jogos de ação, o corpo enquanto currículo performático afetivo evoca o samba. Expressão tímida que nasce de todas as moléculas que se organizam através do som e dos batuques, ou seja, corpo, espírito e mente dizem o que esse riscado geométrico precisa para se aglutinar numa forma de roda em prol de uma grande missa negra na cidade.

Dizer sobre isto é ter o entendimento que estamos burilando uma *iogática* do samba. Reformulando melhor, uma ginástica filosófica, na qual o pensamento-samba e o sambapensamento conduzem o ritmo do corpo expresso pelos afetos do samba. Embora não fique claro, o samba não é estilo musical, gênero artístico ou moda publicitária, mas sim, a língua dos Orixás falada, rezada e cantada na boca do povo que evoca as máquinas de guerra do astral para manter a luta pelo amor, a liberdade em movimento. Todas essas tensões entre o existir e dilemas construídos ao longo da travessia do além-mar, tiveram o canto dos Orixás como guia dessa coletividade de corpos negros, numa escritura de rezas, ladainhas e textos forjados em marcas profundas na luz de pensar uma iogática que reúne todos os elementos sagrados gerados no silêncio dos porões do sequestro humano.

Esse sequestro humano, numa longa duração, não conseguiu interditar a cunhagem de uma nova língua, portadora de tecnologias ancestrais, códigos, mistérios e cânticos do nascimento da *afrosófia* que une matrizes epistêmicas de uma metafísica do barro, do chão, das ervas, das rezas na umbigada afetiva de corpos negros movidos pelo axé - ou seja, essa nova língua nascida dos porões, é o samba, a língua dos Orixás, cantada, louvada, dançada e enfeitada na boca de cada preto na soma das *totalidades*. Porém, juntar, unir, aglomerar as singularidades foi tarefa do samba, a língua dos Orixás, para que os sequestrados no navio-mundo não se perdessem e nem se esquecessem da luta pela liberdade em curso.

Se o samba é a língua dos Orixás, falada e cantada pelo povo. Estaríamos diante da totalidade que se manifesta em todo planeta, isto é, a *physis* [física] originária, guardada no axé coletivo de cada preto no mundo, sendo sua própria geografia espacial em movimento. Desta forma, o uso dessa ginástica, em partes e singularidades, liberta o corpo escravizado para prática de uma multidão negra que exercita a língua dos Orixás nas rodas de samba, nos barracões de Santo,

casas de Umbanda, terreiros de Candomblé, rodas de capoeiras, quadras de Escola de Samba e na arquitetura da apoteose em função do letramento da memória ancestral.

Por outra via, os Orixás representam o todo / totalidade, o ser integral, o grande cosmo. Já o samba é a forma de reencantar, enfeitiçar e nomear as coisas criadas e inventadas por eles. No uso dessa ginástica, os filósofos do samba criam exercícios corporais na ética/estética dessa nova gramática expositiva do ser, isto é, a fala dos Orixás. Isto posto, o samba é a reza profunda de um povo em questões que residem o nada, a partícula do átomo, do começo, ou seja, o princípio, reunião de artes e ofícios que se materializam na poética da ação do corpo do sambista.

Em outrora, os povos antigos guardavam seus conhecimentos a partir da memória do poeta e do músico que conduziam esse conhecimento pela rítmica do corpo, espaço pelo qual nascem as artes cênicas. No caso do samba, a língua dos Orixás, o sambista [filósofo] acessa o cosmo dos Orixás através do veículo da intuição/inspiração ou mediunidade para codificar e descodificar as linhas soltas da paisagem poética. Não é à toa que as rosas só exalam o perfume contidos na alma de Cartola, poeta que evoca o estado da beleza para transformar seu jardim em obra de arte. Sendo assim, Cartola é o endereço da beleza. Junta as partes que nunca foram fragmentadas pelo todo/totalidade.

Outro elemento, é fundamental entender que os sambistas [filósofos], os sambantes, os benzedeiros, rezadeiras e as crianças são os guardiões dessa língua dos Orixás cantadas todos os dias contra os males do trauma do tronco produzido no psiquismo de nossa população. Embora possa parecer comum, em cada canto do mundo o samba, a língua dos Orixás, é uma máquina de guerra no embate do processo de desafricanização dos corpos descodificados por um analfabetismo existencial forjado pelos identitarismo global.

Consequentemente, os guardiões dessa língua dos Orixás transitam pelas ruas, becos, beiras, margens, barracões e quadras de samba exercitando a iogática que reúne estratégias de sobrevivência singulares, em prol da alfabetização do coletivo dos saberes originários: cosmo, natureza e tecnologias da linguagem. Nessa relação do uso da língua dos Orixás é uma tolice acreditar que com grande sequestro do mega atlântico negro, todos os negros se perderam fora da *totalidade*.

Se o samba é totalidade, a língua dos Orixás, nada pode estar fora daquilo que é sua língua materna no sentido de terra, solo e chão. Nada se perde no momento de evocar seus deuses antigos para louvar tempestades, chuvas, raios, maremotos e para cantar a ocasião que os

Orixás dessem na terra. Entra em ressonância aqui, o instante em que o sagrado desce à terra e se faz terra para dizer aos seus guardiões que sua guerra pela liberdade não foi perdida.

Para melhor apreendermos, os guardiões da língua sangrada estão em diversas culturas como no hinduísmo, islamismo e no taoísmo, que exercem o sacerdócio do mistério da preservação da memória/música ao chamar seus deuses para dança do sagrado. Isto não difere do samba, pois ele é uma matriz de conhecimento, saberes ancestrais e produtor de tecnologias no atlântico negro e nas catingas. Voltando à questão, os sambistas [filósofos] e rezadeiras guardam aquilo que os protegem contra a deseducação fora da *totalidade*.

Neste sentido, produzir totalidade é tarefa dos que praticam iogática, a língua dos Orixás, assim como no funk, rapper, trap emergem enquanto forças criadoras nas favelas e periferias do mundo. Nessa sistemática o samba revela um sistema mundo contra o racismo global e planetário, fenômeno que o filósofo Milton Santos nos alertou nos fins do século XX, ou seja, fazer parte não é excluir outras formas de resistências que nascem de baixo para cima, pois as lutas anteriores foram o suporte da amplitude da questão. Anular processos anteriores é uma burrice de alguns movimentos identitaristas. No caso do samba, língua dos Orixás, brota de baixo para cima, desconfiando do sistema posto pelas elites racializadas e globalizantes.

Se todos falam samba, a língua dos Orixás, ninguém pode ser analfabeto nos terreiros, casas de Umbanda, quadras de Escola de Samba e nas margens das ruas, pois essa língua é versada, cantada, ludificada na tradução de seus mitos fundantes de sociedade. É justamente nesse sentido, ao tratar de uma língua antiga e originária que esteve presente no princípio do cosmo, que ninguém pode se perder. Veja o caso dos povos do deserto e aventureiros do mar, o mapa do destino estava desenhado na palma da mão junto à cartografia das estrelas [astrolábio], como diria Pai Joaquim de Angola: quem tem origem não se perde.

Eis aqui uma questão importante, como se perder se todos os cantantes de samba evocam sua língua materna para obter seu sentido de vida? Da mesma maneira que os árabes cantam e versam seu texto sagrado para começar o dia, os praticantes da iogática, a língua do samba no corpo negro, precisam exercitá-la de modo contínuo contra o trauma do tronco que gera um mundo desmentado dos saberes contidos na língua que, ao mesmo tempo, ela é local, regional, mundial, global e planetária.

Por essa linha de pensamento, o sambista utiliza a parte deste todo [totalidade] e une seus pedaços para reencontrar os perdidos e sequestrados do mundo que lhe foram roubados e tirados do sentido de vida, ao ir no encontro da totalidade, a língua dos Orixás é a tecnologia

primeira de gerar suporte aos corpos comercializados pelo atlântico negro. Desse jeito, o samba, a língua dos Orixás, faz os sequestrados de mundo voltarem ao elo fragmentado pelo desfecho da escravidão. Se o tráfico negreiro desumaniza o ser integral, o nascimento da língua dos Orixás faz o Brasil se tornar Brasil no parir uterino do atlântico negro.

Não obstante, é diário e cotidiano, nas cidades do Brasil, ver uso dessa prática iogática dos corpos negros num mantra coletivo, desdobrada no conjunto de linguagem de maneira cultural, por exemplo, vale elucidar, que unir esse fazedouro, arte de gente, gera uma convulsão nos praticantes de samba, assim como nos ensaios nas quadras das Escolas de Samba: marca passos, elasticidade, giro, dobras, tufões nos quadris, requebrar, rebolar, piruetas e umbigadas, lugar de fazer a alma gozar, isto é, novamente, arte de se fazer gente e criar gente [educação existencial].

Portanto, digo e afirmo enquanto intelectual negro, que no mundo do além-mar e no mundo do atlântico negro, sem essa missa negra conduzida pelo canto dos Orixás, o que chamamos de Brasil não seria possível sem essa ginástica filosófica que congrega corpo-espírito e mente na arte de unir em torno da *totalidade*, sendo assim, uma iogática, onde os deuses do infinito trazem as formas do além para modelarem o rumo da nova história humano no mega atlântico afroameríndio, onde se fez presente.

Por outro lado, a palavra '*ioga*' em si, oriunda da raiz sânscrita *yuj* [unir], é normalmente traduzida como 'união' ou 'integração' e pode ser entendida como a união com o Divino, ou integração do corpo, mente e alma. Logo, seus praticantes articulam todos os elementos na unidade expressiva do corpo e, assim, os aprendizes do samba fazem na grande mandala híbrida, a *iogática* do samba, uma ginástica comunitária dos impactos do corpo na interação educativa dos afetos.

De outra maneira, pôr o corpo nessa dimensão coletiva de uma iogática do samba exige o transbordamento do mantra curativo elevado pelos sambantes. Do mesmo modo, a *iogática* do samba é o campo de corporeidades afetivas que configuram na ginástica do coletivo o encontro imaterial de uma educação espacial para as vias do humano, sem isto, não há possibilidades do estado da sensibilidade de comungar-se para grande festa do se torna humano no agir coletivo.

Desde já, o exercício desta *iogática* [união e junção], onde coexiste na palavra samba [umbigada e encontro], nos faz o convite para pôr no corpo o exercício de uma linguagem educativa na ação construtora do espaço social da forma – roda em movimento. Dessa forma, o convite para forma roda, traz o sambante para o currículo disponível na ação educativa dos afetos que

transcrevem no corpo o sentido físico e matemático do giro epistêmico contido na cosmologia da roda-aberta.

Em outras palavras, cada sambante carrega em si o sentido de roda onde se compartilha no agir educativo da experiência primeira, ou melhor, na iogática. O convite aos afetos evoca os sambantes ao encontro das forças criadoras para materializarem o axé no humano ao se tornar humano, demasiado humano, trata-se em dizer que na ação vital do exercício da iogática, o elã vital da necessidade de nos humanizarmos passa pela via do axé, este princípio inerente da vida. Isto posto, na roda de samba, o nascimento do humano é comemorado com macumba, palavra que advém do quimbundo que significa festa, dança, instrumento de percussão e som, e como sendo o momento em que os Orixás descem à terra para efetuar sua obra inacabada na instauração dos afetos.

Num encontro do pensar, cabe ressaltar, dialogando com Spinoza e Nietzsche, que entendo por afeto enquanto um conjunto singular de formas forças presentes de organizarem os atos humanos como afirmação da vida. Em outros termos, na ginástica coletiva dos afetos, a iogática, potencializa uma *macumba atômica* [massa, peso, unidade, energia, número e átomos] de aglomerar singularidades e diferenças, tendo em cada corpo o giro individual da batida das mãos e dos pés na rítmica afetiva de chamar seus deuses dançantes no chão-girante, onde o povo está em transe festivo na espera do humano inacabado. Logo, a palavra átomo é de origem grega e significa 'indivisível' ou, por outra, macumba atômica une parte que estão na mesma totalidade, samba, afeto, roda, sambantes, axé e vida que se gestam no curso dessa ginástica da coletividade.

Além disso, a palavra ginástica, advém do grego/latim, significado linguagem, ato ou arte de vibrar no corpo movimentos plásticos para exercitá-lo ao combate cênico no/do espaço. Isto fica evidente no gestual de dobras em que o corpo é atravessado pelo rito dos tambores e atabaques do dançar macumba, conhecimento instrumental da ioga do samba. Do gesto aberto do passista e riscado da porta-bandeira, o desenho geométrico especializa formas matemática na quadra da escola, gerando um fenômeno educativo mediado por um conjunto de linguagem, ginásticas que requebram as linhas cartesianas no plano de racionalidade.

Desta maneira, o giro o mestre-sala guardando o giro epistêmico da porta-bandeira concede o jogo bélico entre forma e conteúdo na dobra barroca no girar-se bandeira. É ali, que a guerra do plástico de oficializa, bélico/belo, armadilha da beleza, ambos nascem do mesmo radical, o belo enquanto convite para guerra da beleza, a guerra do plástico, o efeito plástico na avenida. As

escolas traduzem essa guerra do belo, da beleza, a partir dessa ginástica humana junto aos afetos contidos na leitura da totalidade no exercício dessa iogática espacial. Não se trata mais em separar o movimento do gesto, tudo isto está na mesma *totalidade*.

Portanto, estar em estado de samba, é mergulhar na língua dos Orixás, uma ginástica que reúne sistema de mundo codificado pelos sambistas [filósofos] e rezadeiras [mestres/as] da cura da grande saúde já apontada pelo filósofo Nietzsche e Nise da Silveira, ao pensar uma razão inadequada que precisa sambar para sentir as ecologias dos afetos, tendo no sambista um corpo movido pelas sensações no espaço do samba.

Como esclarecimento, podemos identificar alguns ‘princípios’ inspiradores. Em primeiro lugar, o campo do sambista [o ginasta do samba] é definido como o campo dos ‘afetos’, dado pela multidão de uma missa negra que interage por meio do axé-humano. O sambista [o ginasta do samba], por sua vez, para se transformar num axé-humano’ é tomado pelos afetos transbordados pela roda de samba e as forças singulares que resistem e existem na macumba dançante. Ao mesmo tempo, o sambista e a roda são ativadores na fabricação do axé-humano, onde todos se educam numa gramática existencial na sobrevivência contra o racismo global.

Por fim, é preciso admitir que na roda de samba o conjunto de axé-humano configura uma educação da alma, porque no sambista [ginasta do axé] há uma espécie de musculatura afetiva que corresponde às localizações físicas dos sentimentos profundos trazidos na língua materna dos Orixás-samba. O sambista é como um verdadeiro atleta físico dessa ginástica dos afetos. O sambista é um atleta do coração. Um educador da esperança. Intelectual orgânico da língua dos Orixás.

331

REFERÊNCIAS

- Job, N. (2024). *Livro na borogodança*. Rio de Janeiro: Fólio Digital.
- Silva, W. L. (Org.) (2015). *Sambo, Logo Penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba*. Rio de Janeiro: Hexis/Fundação Biblioteca Nacional. [Link](#)
- Silva, W. L. (2019). *Geosambalidade: por uma filosofia bélica no espaço racial em movimento*. Tese, Doutorado em Política e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 20 MAI 24

Aceito: 2 JUL 24